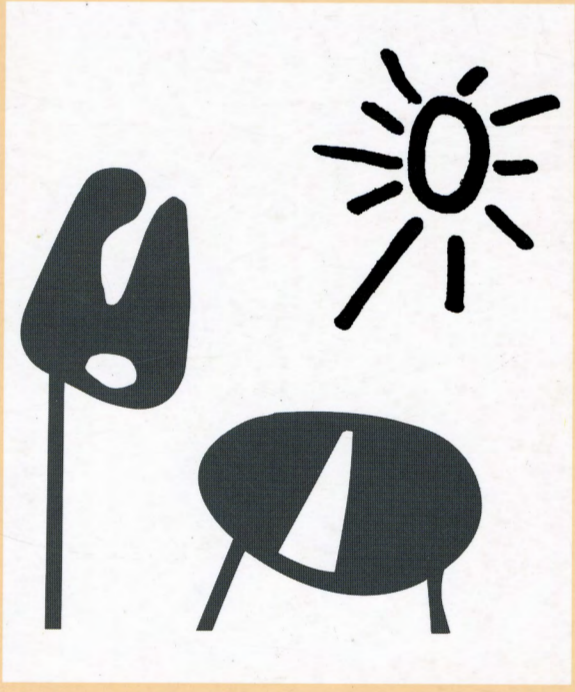
JAIME SALAZAR SAMPAIO
TEATRO COMPLETO

Introdução de SEBASTIANA FADDA

I



BIBLIOTECA DE AUTORES PORTUGUESES

ULFL011 000075
BIBLIOTECA DA FAC. DE LETRAS
OSÓRIO MATEUS
UNIVERSIDADE DE LISBOA

JAIME SALAZAR SAMPAIO

TEATRO COMPLETO

Introdução de SEBASTIANA FADDA

I

IMPRENSA NACIONAL-CASA DA MOEDA

TEATRO COMPLETO

DE

JAIME SALAZAR SAMPAIO

FERNANDO (TALVEZ) PESSOA

FERNANDO (TALVEZ) PESSOA

PERSONAGENS

PEDRO (Fernando Pessoa, Botto)
JORGE
JU (Criança, Botto, Ophélia)
1.º HOMEM
2.º HOMEM
CAEIRO
CAMPOS
REIS
SOARES
PROFESSOR
ALMADA
CARNEIRO
FIGURANTES (Palhaços e Apalhaçados,
Rancho Folclórico, Ardinas, etc.)

1.ª PARTE

À esquerda baixa uma mesa de trabalho, bem iluminada. Sentados à mesa, Pedro, Jorge e Julieta (a Ju), três elementos do Grupo Independente de Teatro (em organização). Parecem bastante jovens.

Em cima da mesa há um telefone, um pequeno ficheiro metálico; alguns dossiers, *livros e muitos papéis, desarrumados. A mesa tem várias gavetas.*

Pedro, Jorge e Ju tomam café, em silêncio. Jorge, que usa óculos, consulta um dossier. *Pedro e Ju olham-se, por vezes, furtivamente. Ju brinca com as pontas do lenço que traz ao pescoço.*

Para lém da mesa estende-se o «Informe Labirinto», imerso na penumbra.

JORGE *(após um último golo, afastando a chávena e largando o* dossier*; tom reticente)* — Bom. Eu por mim não sei... *(Impertigando-se.)* Isto é...

PEDRO *(afastando a chávena)* — ... Eu também não sei.

JU *(afastando também a chávena)* — Enfim a verdade!... Não sabemos. *(Levanta-se. Levanta as chávenas da mesa e arruma-as num tabuleiro. Cantarolando.)* Mas o café era bom. Era bom, era bom, era bom! Era muito bom.

JORGE *(entredentes, tom mordaz)* — Razoável.

JU *(prosseguindo, tom ligeiro)* — Café em grão. Moído pela Ju. De saco. Café de saco. Muitíssimo bom...

JORGE *(num assomo de energia)* — Bem, meus filhos. Acabou o intervalo. *(Dá algumas passadas decididas e sonoras em torno da mesa. Estaca. Volta a sentar-se. Apoia os cotovelos na mesa e esconde a cabeça entre as mãos, abatido. Entretanto Pedro põe os pés em cima da mesa, reclina-se para trás na cadeira, cruza os dedos sobre a nuca, mantendo os cotovelos afastados. Longa pausa.)*

JU *(pegando no* dossier *que Jorge estivera a consultar)* — Volto a ler tudo? *(Suspira, afectando resignação.)* Desde o princípio. *(Não obtendo resposta, abre o* dossier *e começa a ler.)* Ponto número um...

JORGE *(sem mudar de posição, citando de cor, numa lengalenga)* — A peça não pode ser um simples recital de poemas de Fernando Pessoa... *(Pausa. Com ironia.)* Já sabemos...

PEDRO *(também sem mudar de posição)* — Mas, por outro lado...

JU *(apontando uma passagem do* dossier*)* — Ponto número dois.

PEDRO *(interrompendo-a, recita, em tom monótono)* — O espectáculo deve mostrar, de forma variada, harmónica e significativa, a obra do acima citado Fernando Pessoa... *(Boceja.)*

JU *(lendo o* dossier*)* — É uma peça de teatro. Tem uma estrutura. As cenas sucedem-se por determinada ordem, formando um todo. E os poemas, ou os seus fragmentos, enfim, os textos, surgem naturalmente, integrados nas cenas...

JORGE *(lúgubre. Sem mudar de posição)* — Também já sabemos.

PEDRO *(idem)* — Saber, sabemos...

(Longa pausa. Ju olha o dossier*. Olha Pedro e Jorge, alternadamente. De súbito pousa o* dossier*, levanta-se e recita com ênfase, sem esconder uma pontinha de ironia.)*

JU *(recitando de cor)* —

«Tão cedo passa tudo quanto passa!
Morre tão jovem ante os deuses
Quanto morre!»

(Retira uma caveira de uma das gavetas e exibe-a. Pedro e Jorge, lentamente, desfazem as respectivas poses e olham para Ju. Esta mostra a caveira, primeiro a Jorge — que encolhe os ombros — e depois a Pedro — que sorri, levemente divertido.)

JU *(mostrando a caveira)* —

«Tudo é tão pouco!
Nada se sabe, tudo se imagina.»

PEDRO *(acentuando o ar divertido)* — Força! *(Jorge, contrariado, resmunga.)*

JU *(retirando uma rosa da gaveta)* —

«Circunda-te de rosas, ama, bebe
E cala.» *(Enfeita a caveira com a rosa, enfiando a haste da flor pelas órbitas.)*
«O mais é nada.»

(De frente para o público, ergue a caveira enfeitada, acima da cabeça. Um tempo. Baixa a caveira. Faz uma vénia.)

JORGE *(irritado)* — Mas que ideia foi essa?

JU *(com inesperada timidez)* — Era uma surpresa... Uma ideia minha. *(Voltando-se para Pedro.)* Gostaste, Pedro?

PEDRO *(pegando na caveira e observando-a. Levemente reticente)* — Uma caveira florida... Porque não? *(Entusiasmando-se.)* Afinal de contas estamos no teatro. Hem, Jorge? *(O interpelado volta a resmungar. Um tempo.)*

PEDRO *(examinando a caveira)* — O crânio. A face. Os ossos do crânio. Os ossos da face. Uma rosa... Enfim: a última máscara. *(Brinca com a rosa. Volta a enfiar a flor na caveira.)* Máscara, para além das máscaras... *(Repõe a caveira em cima da mesa. Olha-a.)* Talvez. *(Um tempo. Rectificando a posição da caveira.)* Sim, talvez... *(Recitando, a meia voz.)*

«Tão cedo passa tudo quanto passa!
Morre tão jovem ante os deuses
Quanto morre.....»

JORGE *(interrompendo-o, impaciente)* — Mas porquê agora?... Nesta cena, aqui... porquê? *(Sarcástico.)* Uma ode de Ricardo Reis!... Assim... Sem preparação. *(Projectando o tronco para a frente e abrindo os braços.)* Atirada ao público... *(Endireitando-se. Tom severo.)* E quem não conhecer a Ode, hem? Quem não conhecer o Reis? *(Pausa. Um pouco mais calmo.)* Sim,

porque vocês bem sabem: uma pessoa pode muito bem ter o curso complementar dos Liceus — completo! — sem conhecer o Ricardo Reis. Perfeitamente. Pode ser Deputado, sei lá... Dona de Casa, Comendador, Dentista, Funcionário dos Correios... sem saber mesmo quem era o Fernando Pessoa!

PEDRO *(irónico)* — E aqui para nós, Jorge, se não for segredo... *(A meia voz.)* O Fernando Pessoa, afinal quem era?

JU — Quem era... ou quem eram?

PEDRO *(entrando no jogo de Ju)* — Alberto? Ricardo? Álvaro? Bernardo?

JU — Caeiro? Reis? Campos? Soares?... Todos eles... ou nenhum?... Um bocadinho de cada? *(Recitando.)*

«Sou um evadido.
Logo que nasci
Fecharam-me em mim
Ah, mas eu fugi.»

PEDRO *(pegando na caveira e olhando-a, recita)* —

«Deslembro incertamente. Meu passado
Não sei quem o viveu.» *(Um tempo. Com as mãos, atira a caveira a Ju, como se fosse uma bola.)*

JU *(apanhando a caveira)* —

«Não sei quantas almas tenho.» *(Passa a caveira a Pedro. Este apanha-a.)*

PEDRO —

«Ser eu não tem um tamanho.» *(Finge atirar a caveira a Ju mas Jorge põe-se de permeio. Fintando este, Pedro passa, entre Jorge e Ju, a correr.)*

PEDRO *(atirando a caveira ao ar repetidas vezes e voltando sempre a apanhá-la)* —

«Deixo ao cego e ao surdo
A alma com fronteiras
Que eu quero sentir tudo
de todas as maneiras.»

(Passa, finalmente, a caveira a Ju, que a apanha, apesar de Jorge tentar interceptá-la.)

JU —

«Viajar. Perder países!
Ser outro constantemente!»

(Passa a caveira a Pedro mas Jorge intercepta-a.)

PEDRO *(não podendo apanhar a caveira apossa-se da rosa que ficara em cima da mesa)* —

«Sou minha própria paisagem
Assisto à minha passagem
Diverso, móbil e só.»

JORGE *(a Ju, designando a caveira que tem na mão)* — Estou definitivamente contra!... Não é nada disso que a gente combinou... *(Resmungão.)* Um pouco de método, por favor... *(Estende a caveira a Ju, que a aceita.)*

JU *(levemente irónica)* — Pronto! Tira-se! *(Dirige-se à mesa. Guarda a caveira numa gaveta.)* Re-ti-ra-da! *(Fecha a gaveta à chave.)* A ideia da Ju foi retirada. *(Um tempo.)* O Jorge disse democraticamente... que não. *(Pretende tirar a rosa das mãos de Pedro mas este furta-se.)*

PEDRO *(a Ju, com uma pirueta e brincando com a rosa que tem na mão)* —

«As rosas amo dos jardins de Adónis
Essas volucres amo, lídia, rosas
Que em o dia em que nascem
Em esse dia morrem [...]»

JORGE *(interrompendo-o)* — Outro! *(A Pedro e Ju.)* O que é que vocês têm os dois, hem? *(Cruza os braços. Um tempo.)* Não querem ensaiar, hoje?

(Com excessiva gravidade Pedro entrega a rosa a Ju. Esta, também com excessiva gravidade, guarda a rosa numa gaveta. Pedro e Ju, em atitude de exagerada submissão, fingem aguardar ordens de Jorge.)

JORGE — Palhaços!

PEDRO E JU *(em coro, sussurrando)* —

«Somos todos palhaços estrangeiros
A nossa vida é palco e confusão.»

JORGE *(com entusiasmo)* — Ah, bom!... Já não era sem tempo! *(Bate as palmas. Fala para o fundo.)* Acção! Luzes!... Atenção! Todos!

PEDRO E JU *(voltando a sussurrar)* —

«Somos todos palhaços estrangeiros
A nossa vida é palco e confusão.»

JORGE *(num crescendo de entusiasmo)* — Música! Música! Música!

(Ouve-se música de palhaços. O trecho é «Oh careca, oh careca, tira a boina / Que é moda andar em cabelo». A zona do «Informe Labirinto» ilumina-se, de repente. Lá do fundo surgem figurantes, em número elevado. Comportam-se todos como palhaços, embora só dois deles — Palhaço Pobre e Palhaço Rico — venham vestidos a rigor.

37

Dos restantes, alguns envergam fatos mistos, de palhaço e não palhaço: são os apalhaçados. Outros, porém, vestem fatos vulgares, podendo pertencer às mais diversas condições sociais e profissões.)

FIGURANTES *(em grande algazarra, acompanhados, melhor ou pior, pela música)* —

«Somos todos palhaços estrangeiros
A nossa vida é palco e confusão.»

(Repetem estes versos, em várias línguas, entre guinchos, estaladas e cambalhotas, fingindo grande animação. Um dos figurantes, lúgubre, inteiramente vestido de negro, agita um enorme chocalho. Palhaço Rico toca violino; Palhaço Pobre concertina. A animação vai decrescendo.

A dada altura, a um sinal de Jorge, Pedro levanta-se. Ju retira de uma gaveta «o chapéu e os óculos de Fernando Pessoa» e entrega estes adereços a Pedro. Pedro põe o chapéu e os óculos. Aproxima-se dos Figurantes.)

PEDRO *(levanta um pé, ficando estático)* — Piu! Piu! Piu!... Repiupiu!

(Figurantes, observando-o, ficam imóveis e silenciosos. A música, à excepção de um trombone desafinado, cessa. Um tempo. O trombone cala-se.)

PEDRO *(mantendo a atitude. Fleumático)* —

«O Ibis, a ave do Egipto
Pousa sempre sobre um pé
O que é
Esquisito
É uma ave sossegada
Porque assim não anda nada.»

UM DOS FIGURANTES APALHAÇADOS *(apontando Pedro)* — Quem é aquele pássaro?

PALHAÇO RICO *(solene)* — Fernando António Nogueira Pessoa. *(Toca o violino. Agora em tom condescendente.)* O Fernando Pessoa. *(Figurante Lúgubre volta a badalar o chocalho.)*

PALHAÇO POBRE *(após um ou dois compassos de concertina)* — Palpita-me que é dos nossos!

(Figurantes repetem várias vezes «Somos todos palhaços estrangeiros, etc.». Desta vez, porém, fazem-no em tom de conversa, atropelando as palavras e cumprimentando-se uns aos outros, efusivamente.)

PEDRO *(mantendo a posição, imperturbável)* —

«Os meus poemas, este
E os outros que tenho
É só a brincar...»

PALHAÇO POBRE *(triunfante)* — Eu não dizia que ele era dos nossos? *(Entrega uma corneta de barro a Pedro. Este desfaz a pose de Íbis e examina a corneta. Um tempo. Pedro toca, desajeitadamente, a corneta. Um tempo.)*

PEDRO —

«Deram-me, para se rirem
Uma corneta de barro
Para eu tocar à entrada
Do castelo do Diabo.»

(Pedro atira a corneta para trás das costas. A corneta, ao cair, estilhaça-se. Figurantes recuam para o fundo. A luz muda. Sobre Pedro incide agora um projector vertical e o resto do «Informe Labirinto» regressa à penumbra.)

PEDRO *(abandonando o tom apalhaçado)* —

«Os deuses vão-se como forasteiros
Como uma feira acaba a tradição
Somos todos palhaços estrangeiros
A nossa vida é palco e confusão.»

(Pedro baixa a cabeça. Um tempo. O projector vertical apaga-se, lentamente. A única zona iluminada volta a ser a mesa de trabalho. Pedro, vindo do escuro, chega junto à mesa, entregando a Ju, em silêncio, o chapéu e os óculos de Fernando Pessoa. Jorge tira esses adereços da mão de Ju e volta a oferecê-los a Pedro.)

JORGE *(estendendo a Pedro o chapéu e os óculos)* — Continua, vá!... Passa a outra cena. *(Incitando-o.)* A vida. A morte. O sono. O sonho... Anda!

PEDRO *(recusando os acessórios)* — Não, muito obrigado. Por hoje basta. *(Espreguiçando-se.)* Já tenho a minha conta. *(Senta-se.)*

JORGE *(insistindo)* — Estás cansado?... Mais uma razão... O cansaço ajuda. Dá descontracção e naturalidade ao actor...

PEDRO *(reticente)* — Não sei o papel, homem. Se calhar nem sou eu que faço de Fernando Pessoa... O que é que tu queres?

JORGE — Isso é outro assunto. Amanhã resolve-se. *(Metendo à força nas mãos de Pedro o chapéu e os óculos.)* ... Toma lá. *(Sussurrando.)* A vida. A morte. O sono. O sonho...

PEDRO — Já disse que não sei...

JU *(que tem acompanhado, com entusiasmo crescente, as insistências de Jorge)* — Lá por causa disso, eu faço de ponto quando for preciso... *(Pega num* dossier *e abre-o.)*